

CARLA CRISTINE VIDAL DE SÁ

BANGU A IDENTIDADE PERDIDA?
– memórias, heranças, valores e mudanças –

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado do curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos básicos à obtenção do grau em Especialista.

Orientador: Robert Moses Pechiman

Rio de Janeiro

2014

CARLA CRISTINE VIDAL DE SÁ

BANGU A IDENTIDADE PERDIDA?
– memória, heranças, valores e mudanças –

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado do curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robert Moses Pechiman

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos serão bem sucintos, porém a cada um que eu agradecer possui grande relevância na minha vida.

Agradeço primeiramente a Deus, aquele que me fortalece a cada dia que levanto para mais um dia de trabalho e realizações das minhas obrigações.

Agradeço também aos meus alicerces, mãe Waldinéa e a meu saudoso pai Carlos que sempre me ensinou os valores corretos da vida.

Agradeço a todo corpo docente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), que permitiu meu maior engrandecimento como pesquisadora das relações urbanas, em especial ao meu orientador Robert Pechiman.

E por fim, agradeço aos meus amigos de classe que também enriqueceram meu conhecimento devido a diversidade de formações existentes na classe, principalmente a Ana Luiza, Juliana Couto, Nínive Gonçalves, Fellipe Prado e Clarisse Silveira

EPÍGRAFE

“A cultura de um povo é o seu maior patrimônio.
Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores,
é permitir que as novas gerações não vivam sob as
trevas do anonimato”.

Nildo

RESUMO

Utilizando o objeto de estudo Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB), símbolo do bairro de Bangu e não outras representações que são normalmente divulgados, influenciador para a formação e desenvolvimento do bairro, permite refletir e entender que as características e relações espaciais são passageiras, surgindo novas representações que caracterizam novas formas cultural, social e econômica. Com isso, a identidade é condicionada a ser modificada, pois passa a vivenciar novas formas de vida, enquanto as representações físicas também possuem tendência à transformação, mas se isso ocorrer a memória de uma fase histórica será perdida e a riqueza da identidade de um bairro também terá ausência de informações sobre seu processo de construção. Assim, a utilização da CPIB representa uma preocupação a respeito da preservação da essência da identidade de um bairro, seu surgimento, suas representações e sua história, hoje a antiga fábrica já não adota as mesmas atividades iniciais, e sim novas representações comerciais.

Palavras-chave: Companhia Progresso Industrial do Brasil, Bangu, identidade, relações espaciais passageiras.

ABSTRACT

Using the object of study Industrial Company Progress of Brazil (CPIB), symbol of the neighborhood of Bangu and other representations that are not usually disclosed, influencer for the formation and development of the neighborhood, lets reflect and understand the characteristics and spatial relationships are fleeting, emerging new representations featuring new cultural, social and economic forms. Thus, identity is subject to be modified, as it starts to experience new ways of life, while physical representations also have a tendency to change, but if it the memory of a historical phase occurs will be lost and the richness of the identity of a neighborhood also have no information about its construction process. Thus, the use of CPIB is a concern about preserving the essence of the identity of a neighborhood, its appearance, its representations and its history, today the old factory no longer adopts the same initial activities, but new commercial representations.

Keywords: Company Industrial Progress of Brazil, Bangu, identity, passing spatial relationships

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 2	CORRIGINDO ALGUNS HÁBITOS: Sobre Complexo de Presídios e Aterro Sanitário de Gericinó	10
2.1	Localização do complexo de presídios e o lixão de Gericinó	10
CAPÍTULO 3	BANGU, SUA HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO: relação direta com a Companhia Progresso Industrial do Brasil	14
3.1	O início da história: fazenda	14
3.2	Quando a Companhia Progresso Industrial do Brasil modifica as características sociais, culturais, econômicas e espaciais do bairro	16
3.2.1	A vila operária	23
3.3	Declínio da Companhia Progresso Industrial do Brasil	27
CAPÍTULO 4	TRANSFORMAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS	31
4.1	história e suas representações se tornaram mutáveis	31
5	CONCLUSÃO	36
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Este presente trabalho baseia-se e preocupa-se com o processo identitário de um lugar, ou seja, com o processo construído historicamente na sociedade, onde foi utilizado o objeto de estudo Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB), mais conhecido como Fábrica de Tecidos Bangu e utilizando o bairro de Bangu para demonstrar esse processo de transformação da identidade local.

Com o objetivo de resgatar a identidade de uma das mais influentes fábricas têxteis da cidade do Rio de Janeiro e sua identidade, este trabalho, objetiva trazer para a vida atual como se desenvolveu as características sociais, econômicas e culturais do bairro de Bangu e a descaracterização de sua identidade ao longo do processo de formação do bairro e desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisa está organizada em três capítulos e seus sub-títulos para oferecer estruturação e representação ao tema proposto. O primeiro capítulo antecede com um esclarecimento ao tratar dos elementos não característicos do bairro de Bangu, porém mais citados como referências representativas do bairro. Essa foi uma iniciativa de desassociar características que não representam o bairro enquanto sua principal identidade é tratada de forma tão explícita.

O segundo capítulo baseia-se como se deu o processo histórico da formação do bairro de Bangu e a qual elemento a sua identidade estava ligada no processo de construção do bairro. Além de tratar das consequências que incidiram no declínio da produção fabril e a substituição para novas formas produtivas capitalistas.

Por fim, o terceiro capítulo aborda o reflexo no lugar das transformações, tendo em sua estrutura a utilização de renovados elementos para geração capitalista e o impacto na transformação da identidade. Além, de mostrar que as mudanças representam as características histórica-política-social, ou seja, as idealizações e formas de vida de cada período. A partir daí, foram utilizados autores que sustentam e validam todas as ideias levantadas para desenvolvimento do trabalho.

O desenvolvimento da pesquisa só foi possível através da utilização das metodologias: pesquisa bibliográfica, onde embasou toda a parte teórica do trabalho, sustentando e confirmando todos os elementos abordados, enriquecida com algumas participações de ex-operários, que ainda

são memória vivas da história da Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB), outras pesquisas realizadas e pesquisadas via internet, artigos que tratam sobre a história marcante da Companhia.

Desta forma, essas são as etapas que compreendem a pesquisa, principalmente porque preocupada-se com a identidade local, e esse é mais um registro de uma identidade ligada a um bairro, que precisa ser realizado para que fases históricas não sejam perdidas com consequência de novas formas de relações espaciais.

CAPÍTULO 2 CORRIGINDO ALGUNS HÁBITOS: Sobre Complexo de Presídios e Aterro Sanitário de Gericinó

2.1 Localização do complexo de presídios e o lixão de Gericinó

Antecedendo ao foco principal deste trabalho que será desenvolvido principalmente sobre a identidade de um bairro operário, esta fase retratará alguns mitos que muitos, por não conhecerem, analisam como sendo características principais do bairro de Bangu, porque são as notícias mais divulgadas sobre este local.

O bairro se localiza na zona oeste do Rio de Janeiro possui como bairros próximos Senador Câmara, Padre Miguel, Realengo, Campo Grande, entre outros.

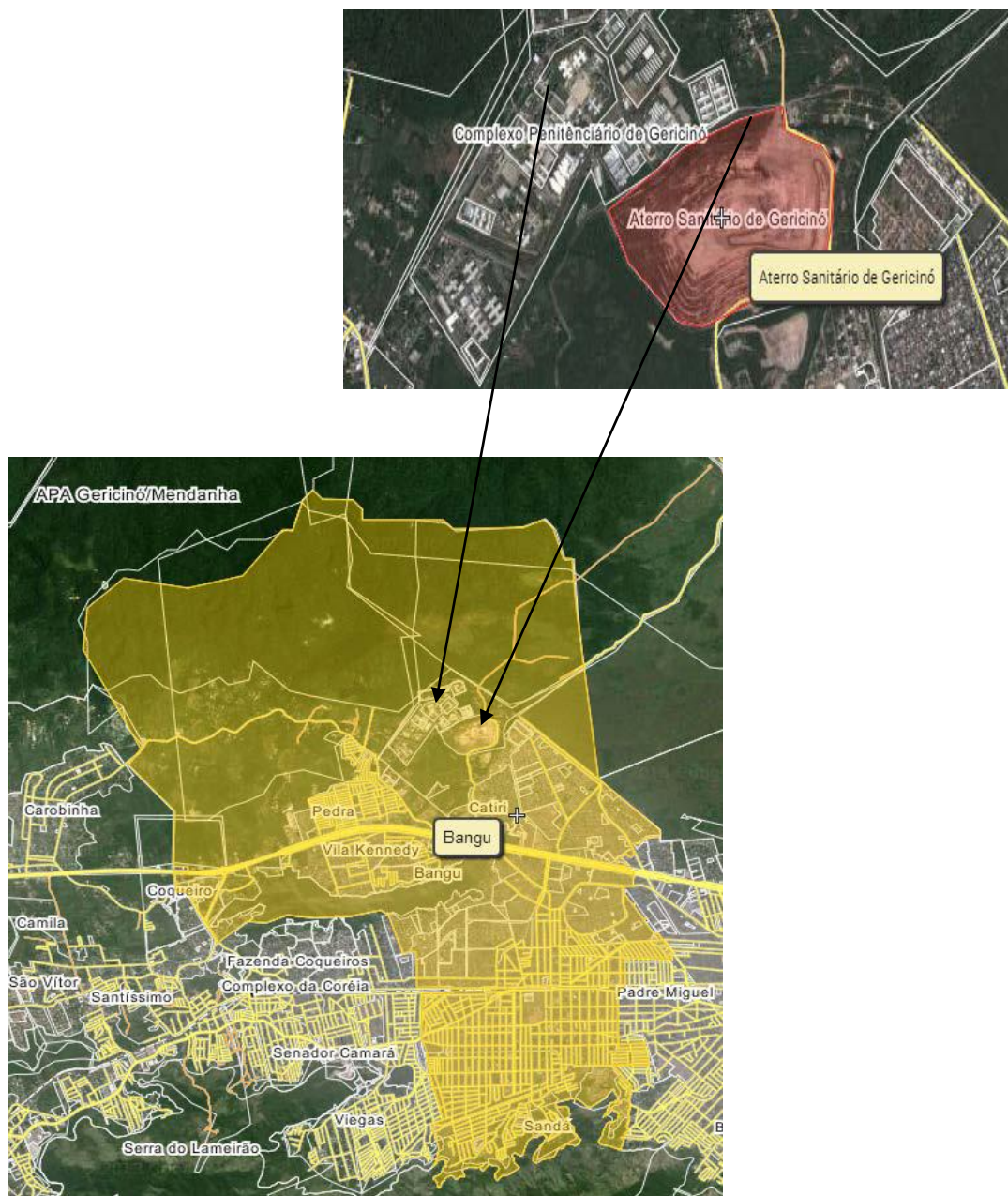
E uma dessas principais características é a localização do Complexo de Presídios de Gericinó, anteriormente conhecido como Complexo de Presídios de Bangu, tanto que cada unidade recebe o nome do bairro e a numeração referente à quantidade de unidades presentes no complexo, mas na sua formalidade cada unidade possui sua nomeação. Este complexo penitenciário nasceu em 1987 pelo então governador do Rio de Janeiro Moreira Franco, com o objetivo de construir um presídio de segurança máxima Bangu 1, cujo nome oficial é Penitenciária Laércio da Costa Pellegrino e posteriormente novas unidades foram sendo construídas, formando o complexo penitenciário atual.

O bairro de Gericinó foi criado por decreto pelo prefeito César Maia, lei 3852/04 de 23 de novembro de 2004, após sua reeleição. Ele fazia parte do bairro de Bangu, na região está situado o Complexo Penitenciário, a Serra de Gericinó e o Lixão de Bangu. Isso significa que desde esta data decretada o Complexo de Presídios de Bangu e o Lixão de Bangu, hoje Gericinó não pertencem mais ao bairro de Bangu, tudo porque o bairro passava pelos programas de urbanização Bairro Maravilha e Morar Carioca e também pelo fato da população local não gostar de ver a característica do bairro ligada a penitenciária ou a um lixão.

Também existe uma ideia de realidade proximal dos moradores do bairro ao próprio complexo de presídios, com isso, o bairro também é conhecido por ser perigoso por abrigaram pessoas que leve um mau a sociedade local. Contudo, essa explicação perde a noção de pertencimento do lixão e da penitenciária como sendo as únicas características a serem tratadas a respeito do bairro de Bangu. Assim, Gericinó se torna um fracionamento do bairro.

Desta forma, para melhor visualização, as imagens a seguir servirão para demonstrar a localização do bairro de Bangu, com a delimitação de Gericinó.

¹Figura 1: Delimitação territorial do bairro de Bangu com a aproximação e delimitação do Complexo Penitenciário e Aterro Sanitário de Gericinó.



Fonte: Página Wikimapia, 2013

¹ Disponível em: <<http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=-22.853240&lon=-43.469467&z=13&m=b>> Acesso em nov. 2013

Observa-se que Gericinó se encontra dentro do limite territorial do bairro de Bangu. Outra observação que podemos obter é que o bairro é cortado em toda a sua dimensão de leste a oeste pela avenida principal do Rio de Janeiro que liga a zona oeste ao centro do Rio de Janeiro, a Avenida Brasil materializada pela linha amarela mais intensa, que segundo Costa² (2010, p. 2) a define como uma avenida de “58 Km de extensão, cortando 28 bairros, partindo da Zona Portuária, atravessando a Zona Norte e tendo como limite final o bairro de Santa Cruz, localizado na Zona Oeste da capital fluminense.”³

Esta região também se encontra na Área de Planejamento AP-5, onde estão também situadas outras regiões onde podemos observar na figura abaixo:

Figura 2: Regiões Administrativas e os Bairros da AP 5

área AP 5	Região Administrativa	Bairros
AP 5.1	XVII BANGU	Bangu
		Gericinó
		Padre Miguel
		Senador Camará
	XXXIII REALENGO	Campo dos Afonsos
		Deodoro
		Jardim Sulacap
		Magalhães Bastos
		Realengo
		Vila Militar
AP 5.2	XVIII CAMPO GRANDE	Campo Grande
		Cosmos
		Inhoaíba
		Santíssimo
		Senador Vasconcelos
AP 5.3	XXVI GUARATIBA	Barra de Guaratiba
		Guaratiba
		Pedra de Guaratiba
	XIX SANTA CRUZ	Paciência
		Santa Cruz
		Sepetiba

Fonte: IPP⁴, Armazém de Dados

Outras observações acerca da imagem é que o território próximo ao complexo penitenciário é menos urbanizado, devido a Serra do Mendanha e Gericinó que permite maior

² Bacharel e Licenciado em Geografia - Universidade Federal do Rio de Janeiro

³ COSTA, Ednilson Pereira. **Avenida Brasil**: importância da via para o deslocamento da população do Rio de Janeiro e região metropolitana. Disponível em:

<<http://chaourbano.com.br/adm/revistas/arquivosArtigos/artigo76.pdf>>. Acesso em: 26 nov 2013.

⁴ O Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP) tem sua origem na Fundação RioPlan, instituída em 1979 e posteriormente transformada em Empresa Municipal de Informática e Planejamento (IplanRio). Com o desmembramento da empresa, em 1999, o IPP assumiu as atividades de planejamento urbano, produção cartográfica e de estatísticas do Rio de Janeiro.

concentração de áreas verdes, segundo Gama⁵; Xavier⁶; Costa⁷ (2006, p. 64) definem da seguinte forma:

O Maciço Gericinó-Mendanha ocupa 105 Km² cobertos por floresta (Mata Tropical Atlântica), abriga a Unidade de Conservação Ambiental Gericinó-Mendanha (UCGM) com duas categorias de proteção - Parque (P) e Área de Proteção Ambiental (APA) e, localiza-se entre as baías de Guanabara e Sepetiba na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Diferentemente da área que representa o outro lado do território delimitado pela Avenida Brasil, que possui o processo de urbanização mais intensa, conseqüentemente com uma concentração populacional maior, isso é observado pela intensidade de linhas amarelas representado as ruas que o espaço possui.

Logicamente que temos a tendência de negar o que a sociedade dita como negativo, mas, nesse caso, não é a proposta e sim mostrar a verdade, sabendo que o bairro possui outras características que deveriam ser exaltadas, por exemplo, a sua história que é bastante rica, a identidade local gerada através da Companhia Progresso Industrial do Brasil – CPIB. É evidente que Gericinó está dentro do território de Bangu e que nesse novo bairro possui elementos que levam orgulho a região como o maciço anteriormente citado, mas isso não significa que o bairro deve ser reconhecido apenas por essa característica que não o pertence, devendo ser conhecido pela sua característica principal, pela sua essência, que será observado nos próximos capítulos deste trabalho.

⁵ Doutora em Geografia - Planejamento e Gestão Ambiental (UFRJ). Prof^a Dept^o Geografia UERJ GEA - Grupo de Estudos Ambientais

⁶ Graduada em Geografia UERJ. Pesquisadora Associada GEA/UERJ

⁷ Prof^a Dept^o Geografia UNIG

CAPÍTULO 3 BANGU, SUA HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO: relação direta com a Companhia Progresso Industrial do Brasil

3.1 O início da história: fazenda

Um dos bairros que compõem a zona oeste do Rio de Janeiro, Bangu, possui uma história muito interessante, importante e peculiar para o crescimento econômico da cidade do Rio de Janeiro e do próprio bairro, possuindo uma memória fortemente marcada com a instalação da Companhia Progresso Industrial do Brasil – CPIB, popularmente conhecida como de Fábrica de Tecidos Bangu, que por sua vez, irá sustentar, desenvolver e transformar as características do bairro.

Bangu, assim como Campo Grande, Santa Cruz, Jacarepaguá e Guaratiba eram caracterizados até o ano de 1889 como uma região segundo Galvão (1987 apud OLIVEIRA, 1993) a representação do “sertão” no Rio de Janeiro, devido ao domínio das atividades ligadas ao setor primário.

A origem da palavra se fundamenta a partir de dois significados que segundo Rovere (2009, p. 15) a origina das seguintes formas: uma com significado de "anteparo negro, paredão negro" (origem Tupi), a outra vem do africano bangüê, nome dado pelos escravos a local do engenho onde se guardava o bagaço da cana-de-açúcar.

Mas, começemos precisamente em 1673 anteriormente a instalação da fábrica, sendo Bangu uma região rural, desta forma, foi quando Manuel Barcelos Domingos se instalou fundando a Fazenda Bangu que sua produção era basicamente de cana-de-açúcar.

Posteriormente a fazenda passou por inúmeros proprietários, e em 1743 o proprietário era João Freire Alemão, mas até essa data a fazenda não possuía uma delimitação espacial definida, foi com o mesmo proprietário que essa delimitação passou a acontecer sobre o espaço que compreende a fazenda.

Pechman (1987) revela que entre 1789 e 1885 a proprietária Ana Francisca de Castro Miranda, a D. Ana Bangu gerou certos conflitos sobre a delimitação de suas posses de terra, na verdade, o conflito se estrutura da forma pela qual D. Ana obteve novas terras aumentando assim seu limite territorial. Desta forma, essa proprietária expandiu suas terras utilizando estratégias como: processos judiciais de cobrança do uso do solo e agressões no sentido de queima das

propriedades dos sitiantes próximos, ocasionando a expulsão dele neste espaço, contudo a propriedade de D. Ana Bangu continuava o seu processo de expansão, de forma não legal, porém, a encontrada por ela, sendo também a primeira a documentar em seus registros o nome Bangu.

Com a morte de D. Ana Bangu, seu filho Coronel Gregório de Castro Morais e Souza herdou a fazenda de sua mãe, sua administração durou até 1870 quando Manoel Miguel Martins, Barão de Itacurussá se tornou proprietário da fazenda, que a vendeu em 1889 para a Companhia Progresso Industrial do Brasil.

A figura a seguir demonstra um pouco da organização espacial do espaço rural Fazenda Bangu, seus subordinados e provavelmente os fazendeiros da época.

Figura 3: Fazenda Bangu – Desenho aquarelado de Júlio Sena, foto de João C. Horta



Fonte: Livro Bangu 100 anos, 1989

A partir do ano 1889 Bangu passou a vivenciar uma nova fase histórica com diversas transformações espaciais, do trabalho, da cultura, dando uma nova dinâmica ao bairro, onde observaremos posteriormente, fato ocorrido com a instalação da Fábrica de Tecidos Bangu.

3.2 Quando a Companhia Progresso Industrial do Brasil modifica as características sociais, culturais, econômicas e espaciais do bairro

Oliveira (1991) dizia que este empreendimento surgiu de uma forma bastante particular. No ano de 1889, o engenheiro brasileiro descendente de ingleses Henrique Morgan Snell, onde era membro da firma cujo nome era De Morgan Snell & Co. sediada em Londres, sai com um plano de projeto de uma fábrica em plena crise agro-exportadora, oferecendo-o a quem tivesse capital para investir. Ao longo de sua peregrinação Henrique encontrou dois banqueiros Conde de Figueiredo e Barão de Salgado Zenha ligados ao capital mercantil, que após a análise do projeto acompanhado com a contabilidade dos gastos para tal empreendimento assinou o projeto e aceitou a iniciativa.

Mas, a construção da Companhia Progresso Industrial do Brasil não foi um caso isolado na cidade, foi na realidade um surto fabril ocorrido na década de 80 onde outras fábricas também surgiram como Fiação e Tecidos Aliança em 1880, a Confiança Industrial, localizada entre os bairros de Vila Isabel e Andaraí em 1885, a Fábrica São Cristóvão em 1889, a Fábrica Bonfim em 1891 entre outras encontradas ao longo da história da cidade.

Até o final dos anos 1880 o Rio de Janeiro já era o estado com maior número de indústrias em seu limite administrativo em relação aos outros estados do país. Segundo Oliveira (2006, p. 2) isso ocorreu devido as seguintes características

A instalação de estabelecimentos fabris na capital e adjacências, a partir de meados do século XIX, deveu-se a um conjunto de fatores, dentre os quais a acumulação de capitais provenientes da empresa agrícola ou dos negócios do comércio exterior, a facilidade de financiamento dos grandes bancos, cuja sede estava localizada na capital do país, um mercado de consumo de proporções razoáveis, abrangendo não só a cidade como a região tributária, servida pela rede de ferrovias, e a substituição da água pela energia a vapor como força motriz. Acresça-se a tudo isto, ainda, o peso da presença do aparelho administrativo da capital federal e a estrutura portuária, facilitando o acesso às matérias primas e as máquinas necessárias à produção fabril.

A Companhia foi um grande empreendimento para a região, uma fábrica de 1200 teares, máquinas de alvejar, tinturaria, estamperia, novas formas físicas alterando a característica espacial e com capacidade de contratar mais de 1500 operários.

Com isso, a relação homem-trabalho também se alterava, não completamente, pois ainda existia o trabalho rural juntamente com o fabril. Portanto, em 6 de fevereiro de 1889 foi

constituída a Companhia Progresso Industrial do Brasil e com ela novas características para o bairro operário de Bangu, mas suas atividades iniciais começaram em 8 de março de 1893.

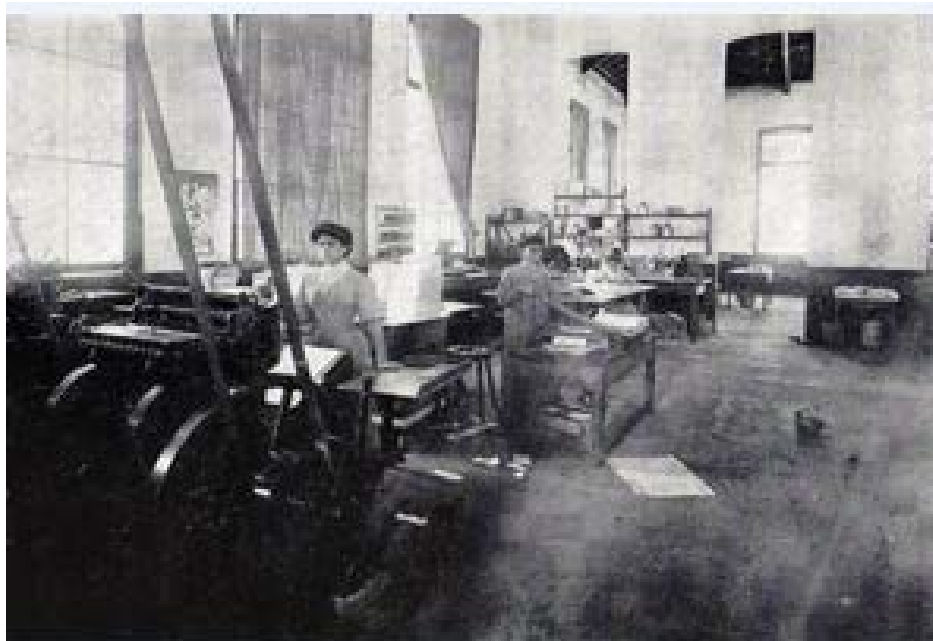
Então, nas próximas imagens, visualização de uma sequência de imagens resgatando a época de atividades da Fábrica Bangu.

Figura 4: Entrada principal da CPIB e os operários se deslocando para o trabalho



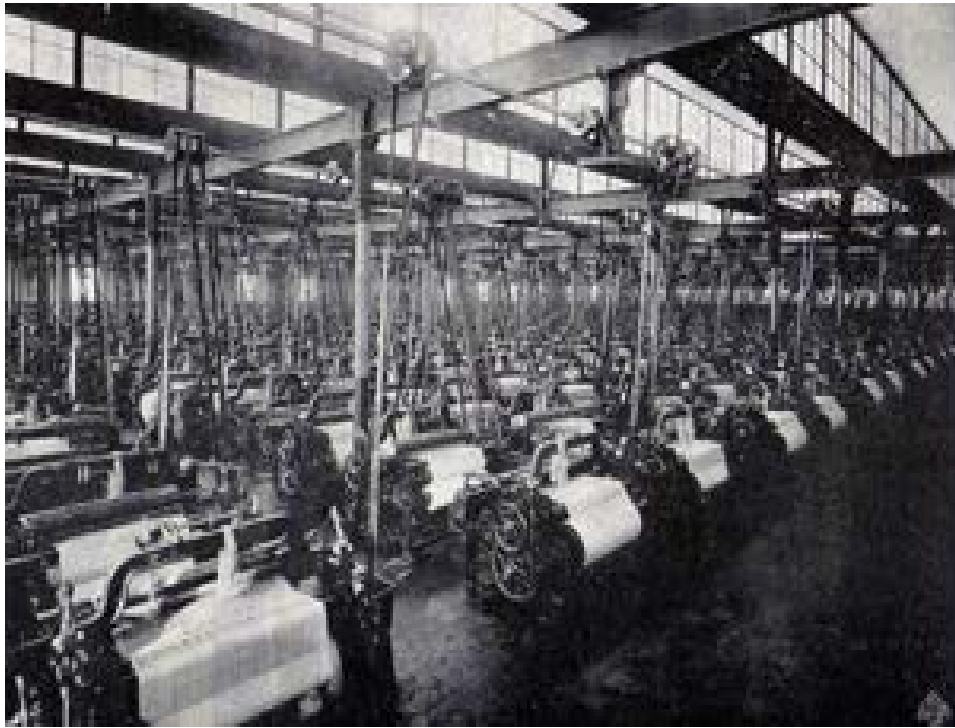
Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1899

Figura: Oficina de gravuras e tipologias



Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1895

Figura: Sala dos Teares



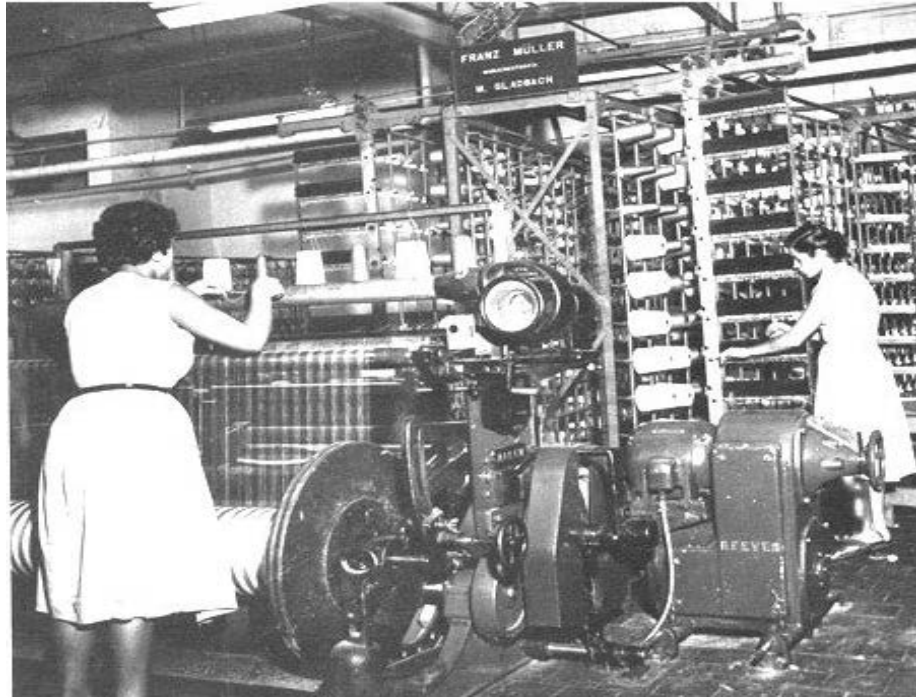
Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1897

Figura: Sala de Estamparias



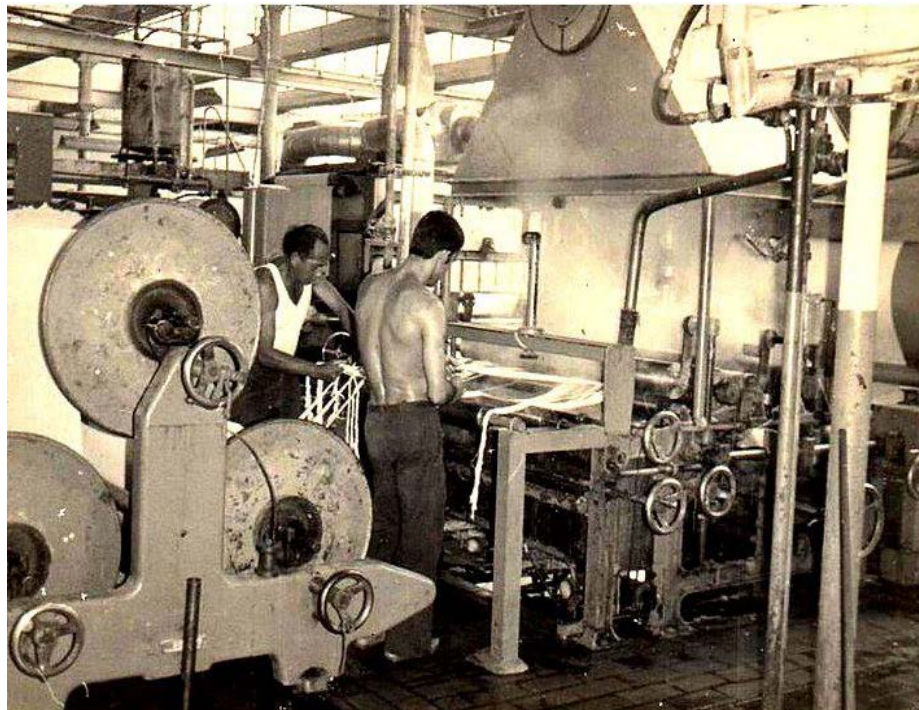
Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1897

Figura: Operárias mulheres trabalhando na fábrica



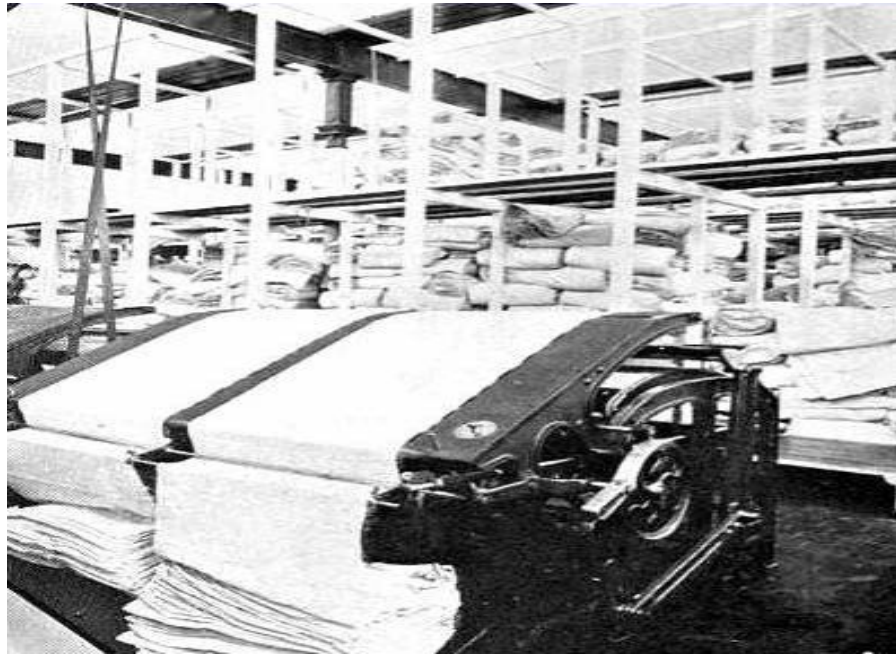
Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1889

Figura: Operários trabalhando



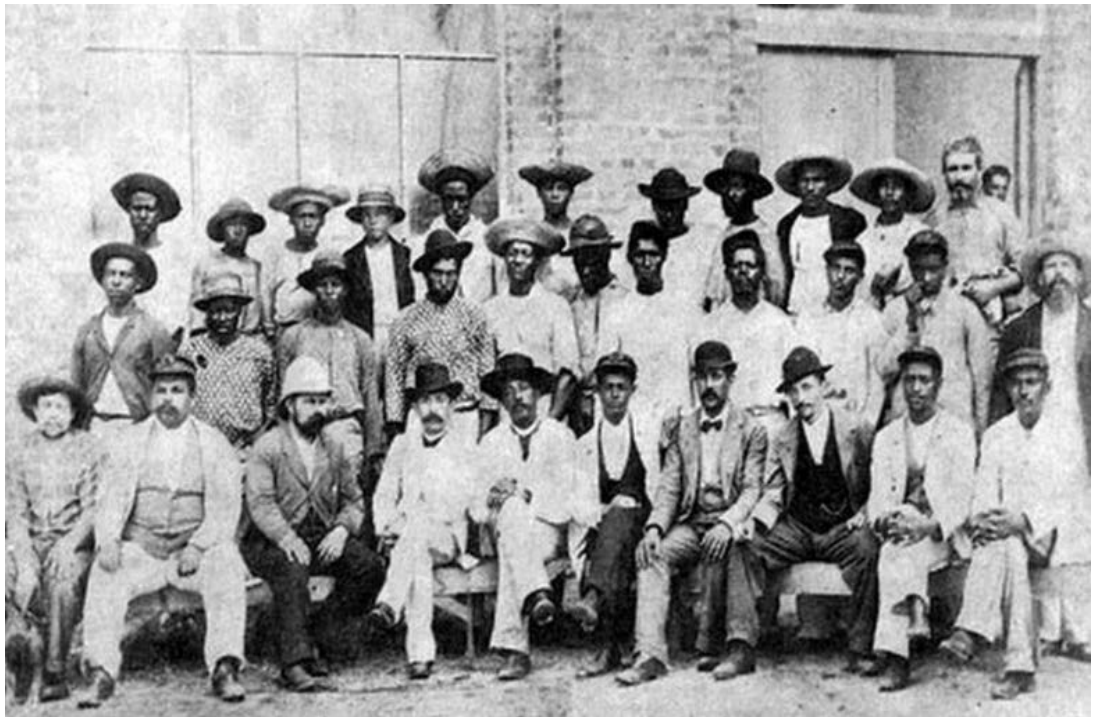
Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1990

Figura: Sala de armazenamento dos tecidos



Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1889

Figura: Operários da Companhia – dia da inauguração



Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1893

Mas, por que se instalar em uma região que é bastante afastada do centro financeiro da cidade? Quais são as características que essa localidade possui para oferecer sustentação para implantação desse empreendimento?

Antecedendo a resposta, para Oliveira (1993) a distância entre a estação Pedro II hoje Central do Brasil até Bangu era de apenas uma hora. O mais surpreendente, segundo ele, é que o tempo gasto por outras fábricas mais próximo a estação Pedro II como as da Tijuca e Gávea também eram o mesmo, mostrando assim, a eficiência do sistema férreo e porque também nos outros lugares a forma de transporte ainda era feita por tração animal, optado assim a se instalar na área rural da cidade.

A primeira resposta para esses questionamentos serão dados por Oliveira (1991), segundo ele, antes mesmo do início da construção da companhia iniciou obras de captação e encanamento de água. Havia o aproveitamento das Águas do Rio Bangu, na bacia do Guandu do Sena , onde foi criado um reservatório para atender as necessidades do uso intenso de água para o processo de construção da fábrica e onde os resíduos domésticos e industriais eram despejados no mesmo Rio.

Como a água possuía uma fundamental importância para o processo de lavagem dos tecidos, nas palavras de Andrade (2008, p. 3) isso é bastante evidente, assim ele comenta: “com a existência de mananciais de água (seis das oito etapas de produção necessitam dela).”

O Rio Bangu passou a ser popularmente reconhecido devido às características da coloração que a água do rio sempre tinha devido às atividades de lavagem dos tecidos da indústria fabril, desta forma, a coloração das águas do rio eram diversas, combinando com a coloração utilizada dos tecidos da indústria, recebendo assim o nome de Rio das Tintas.

Outro motivo para a instalação da CPIB nas dimensões territoriais onde hoje localiza o bairro de Bangu é a estrada de ferro. Assumindo uma propriedade de centralidade no espaço, já que localiza-se próximo a companhia. Essa centralidade é afirmada por Oliveira (1991, p. 75) no seguinte posicionamento: “Tendo a diretoria pensado nisso ou não ao escolher o local para edificar a fábrica em sua propriedade, o fato é que a instalação da fábrica na Fazenda Bangu, junto à estrada de ferro, só veio reforçar esta certa centralidade do lugar já apresentado no arranjo espacial anterior.”

Mas, outro questionamento relevante é: O que seria de uma fábrica num lugar onde ela é a única que gerará uma economia em grande escala e com uma atividade econômica diferente?

Deve ser um local que controla a economia da região, centro da produção e uma eventual expansão desta característica, atraindo para si a população local e população de outras localidades. Esse papel será exercido pela Companhia Progresso Industrial do Brasil, que passará a transformar a vida social, econômica e cultural do bairro.

A paisagem de Bangu com a companhia e com a linha férrea se tornaram elementos identificadores do lugar e indissociável da representação da característica física do bairro.

A ferrovia começou a passar em Bangu por volta de 1878 quando o ramal de Santa Cruz a mesma estação, que ligava até Sapopemba (atual estação de Deodoro) passou a ser aberto para o tráfego. Nessa época não havia parada em Bangu, a estação mais próximo ficava em Realengo. Então, em 1º de maio de 1890 a estação de Bangu foi inaugurada.

Essa estação de trem viabilizava toda a produção fabril no bairro. Foi pela linha férrea que chegou ao bairro a maior parte dos materiais de construção, máquinas, equipamentos que iriam oferecer corpo a indústria, assim como os operários, técnico, enfim, todo corpo de trabalhadores que realizaram a construção da indústria. Desta forma, a imagem a seguir representa a linha férrea de Bangu, onde ofereceu uma sustentação para o desenvolvimento da indústria.

Figura 5: Obras da estação de Trem de Bangu



Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1937

Para Oliveira (1991) no ano de inauguração da fábrica em 1893, também foi construído um pequeno ramal que ligava a estação de Bangu à fábrica, mais precisamente no pátio central, somando-se a linha férrea já existente.

Portanto, esses dois elementos tanto a linha férrea quanto os mananciais naturais de águas são elementos que estimularam a instalação da indústria nessa região de Bangu, possuindo particularidades espaciais não encontradas em outras regiões no Rio de Janeiro, onde outras industriais se instalaram.

Mas, a instalação de uma indústria representa que precisará de mão-de-obra para trabalhar no desenvolvimento das atividades propostas e por isso o número de habitantes local também será alterado aumentando assim seu contingente para sustentar o trabalho da companhia. Mas, um agravante surge, onde instalar essa população que será necessária para a produção fabril?

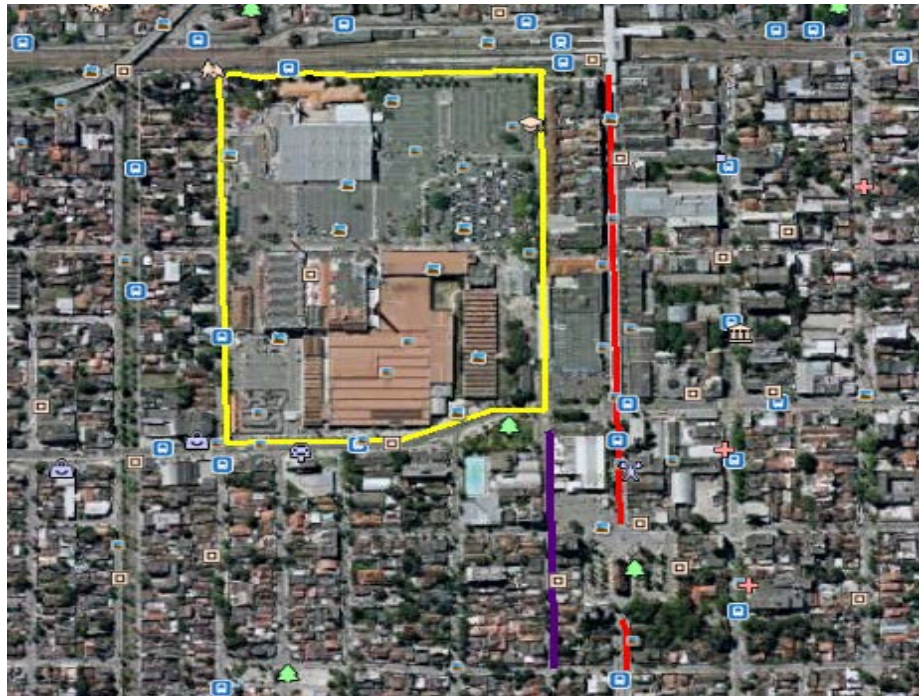
3.2.1 A vila operária

Observa-se, até o presente momento a configuração do bairro já se encontra bastante alterada, tanto do seu modo de geração econômico, quanto das necessidades das atividades fabris. Então, seria inevitáveis alterações como construção de vila operária, ou seja, habitações para a população que cada vez chegava para habitar e trabalhar na companhia, construção de ruas, implantação de sistemas de esgoto e água, geração energia elétrica para funcionamento principalmente da fábrica, elementos urbanos transformando uma configuração rural.

A construção da vila operária iniciou em 1891, isso permite aferir que o começo das obras da vila iniciou dois anos após também o início da construção da fábrica. Quando foi oficialmente inaugurada a fábrica, em 8 de março de 1893, já havia mais de 90 casas edificadas passando a compor o sítio inicial do bairro. Essas casas deram origem as duas primeiras ruas do bairro a Rua Fonseca e a Rua Estevão, hoje atual Avenida Cônego de Vasconcelos.

Na imagem a seguir estará representada a localização espacial da dimensão territorial da Fábrica Bangu e as primeiras ruas do bairro, configurando a proximidade das ruas que compõem a vila operária com a companhia, que segundo Oliveira (1993, p.65) considera que essa aproximação representa uma “situação social particular de dominação da fábrica na esfera do não/trabalho, na casa operária”. Isso representa que haverá uma maior fiscalização dos operários fora do seu local de trabalho.

Figura 6: Delimitação territorial da Companhia Progresso Industrial do Brasil com as ruas onde localizavam a vila operária.



Fonte: Google Earth, 2012

- CPIB / Shopping Bangu
- Avenida Cônego de Vasconcelos
- Rua Fonseca

As casas possuíam o mesmo padrão externo, com arquitetura manchesteriana, tanto que ela possui uma certa aparência inglesa.

A partir de 1896, observou-se um grande aumento do número de operários passando de 745 para 1083 operários devido a necessidade de produção da fábrica. Existe uma lacuna documental que não permite maiores explicações como a organização dos operários na fábrica, a relação dos mesmos em seu convívio diário.

Com base na pesquisa de Oliveira (1991) de modo geral, a maior parte dos funcionários da companhia moravam em Bangu. Em apenas alguns casos vinham operários de Cascadura, Realengo, Campo Grande, Laranjeiras, Morro do São Bento no Centro e Santa Cruz. Então, a necessidade de se desenvolver casas para os operários no próprio bairro se fazia cada vez mais necessário. Mas, essa característica alterava ao longo dos anos, principalmente em 1929 e 1930, onde observava o aumento do número de operários vindo de lugares longínquos e variados como:

Leopoldina, Todos os Santos, Nilópolis, Del Castilho. Contudo, ocorrerá uma nova dinâmica de mobilidade, principalmente ocorrida pela rede ferroviária.

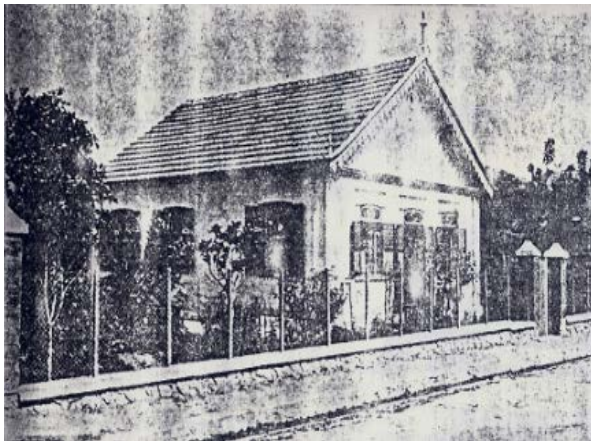
Os operários empregados tinham a tendência de trabalhar por muitos anos na Companhia e quando já não mais tinham condições físicas de exercer aquela atividade era remanejado para outro setor. A permanência do operário no emprego representava a sua garantia de moradia, ou seja, a vila operária, permanecendo no trabalho até os últimos dias de sua vida.

A cada ano que passava, a necessidade de operários continuava aumentando tudo isso para atender uma demanda de produção de tecidos no mercado que era vendido e reconhecido nacional e internacionalmente. Assim, como ficava a questão de moradia no bairro?

Como já evidenciado, a maior parte da população habitava no bairro, então alguns arquivos revelam, Oliveira (1991) que os operários que não possuíam casas na vila operária moravam em casas de pau-a-pique e taperas espalhadas nas terras onde compreende a própria companhia e ao redor construíam uma lavoura de subsistência.

Foi somente a partir de 1904, com a fábrica em plena necessidade de mais funcionários que a Fábrica Bangu passou a autorizar a construção particular de mais casas com alvenaria e telhas. Nas imagens a seguir as imagens representando as casas construídas pelos próprios operários.

Figura: Casas construídas pelos próprios operários



Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1908

Assim, a ampliação do número de operários permitiu que a população do bairro aumentasse e com ela a organização do espaço para oferecer habitação aos seus trabalhadores,

mesmo não sendo de forma tão eficaz, associando o número de operários a necessidade de construção de mais habitações.

Nessa data também começou a melhorar a infraestrutura e a organização espacial do bairro, com um renovado sistema de esgoto, construção de um mercado permanente, onde os agricultores poderiam vender seus produtos, aberturas de novas ruas, canalização das águas do Rio da Prata. Assim, observa-se um capital fabril estruturando a organização espacial urbana do bairro.

As imagens de número 7 e 8 representam o ontem e o hoje, ontem com a vila operária do Bairro, que também era chamada de Casinhas, hoje é a Avenida Cônego de Vasconcelos e ao fundo a igreja São Sebastião e Santa Cícília, sendo o único elemento preservado nos anos atuais, com isso, o lugar passou por transformações espaciais e com novos hábitos sociais e comerciais.

Figura: Vila operária e Igreja Santa Cícília ao fundo, ontem e hoje



Fonte: Acervo Museu de Bangu, 1965



Fonte: Acervo do próprio autor, 2012

A partir de 1936 a Companhia oficializava o lançamento do primeiro loteamento em Bangu, ou seja, o bairro continuava seu processo de crescimento e urbanização. Essas novas habitações iam ao encontro da grande necessidade da contratação de operários, que a maioria não eram qualificados. As contratações aumentavam ano a ano, tendo o número de operários em 1942 mais de 3582 funcionários e em 1956 a companhia possuía 6228 operários.

A fábrica nessa época continuava a parcelar suas terras, possuindo de 1949 mais de 28 loteamentos sob responsabilidade da própria companhia, para atender as necessidades de moradia devido ao aumento anual de operários.

Nas leituras de Oliveira (2006) novas tendências surgem e o processo de alienação patrimonial já começa a mostrar suas primeiras manifestações a partir de 1930. Com a alienação e com as condições gerais para o desenvolvimento capitalista na formação social do Brasil, permitiu que novos arranjos espaciais fossem se formando e as transformações espaciais se configurando rumo a um processo de urbanização e com isso, ficaria inviável o desenvolvimento econômico pela forma de produção atual da época, ou seja, fabril. A tendência de urbanização pedia outra forma de produção e acumulação capitalista.

Assim, o bairro de Bangu, começa suas transformações espaciais, incorporando novas atividades comerciais, dividindo espaço ainda com as atividades fabris. Seria óbvio a ocorrência ao longo da relação tempo-espaço a alienação também da atividade fabril, ou seja, aquela atividade que desenvolveu o bairro ser substituída por atividades econômicas que representam a tendência econômica atual da cidade do Rio de Janeiro e do país.

3.3 Declínio da Companhia Progresso Industrial do Brasil

Manter uma atividade capitalista que imobiliza o desenvolvimento do capital, incorporado a patrimonização histórica (arquitetônica), são elementos inseridos na permanência das atividades fabris da Companhia Progresso Industrial do Brasil, em meio a novas formas de acumulação capitalista.

A nova forma capitalista pós 1930 permitiu inserir outra característica, não sendo mais a produção fabril a principal atividade do bairro.

As primeiras fases da alienação para Oliveira (1991) iniciaram com os loteamentos de terra e a venda dos mesmos. Em 1939, já era mais de 40 loteamentos. Esse processo de loteamento permitiu ao bairro de Bangu ser conhecido como um subúrbio, gerando um mercado de terras, principalmente para desenvolvimento de atividades urbanas. Essa denominação do bairro só veio a ser completada com a sua vinculação a dinâmica do crescimento da cidade evidenciada com a chegada de luz elétrica, construção da rede de esgoto, expansão dos trens.

As mudanças nas características do bairro também foram incentivadas pela família Silveira, Manoel Guilherme da Silveira Filho, foi acionista e posteriormente presidente da fábrica, depois outros membros da família ocuparam posições importantes dentro da Companhia. Doutor Silverinha filho de Manoel citado acima foi um grande empreendedor de Bangu, principalmente no processo de loteamentos e de todas transformações decorrentes a partir daí, ou seja, ele foi incentivador e articulador para o progresso e consequentemente o processo de urbanização do bairro.

Na análise dos escritos de Oliveira (1991) percebe-se que a estruturação urbana do bairro foi financiado a partir das atividades da CPIB. Na década de 1950, o número de operários estava em progressão e em 1956 chegou a 6228 operários, o maior número de toda a história da fábrica.

Mas, a partir de 1956 a instalação de máquinas mais sofisticadas e eficientes adquiridas da Inglaterra, Suíça e Estados Unidos permitiu a redução do número de operários.

Assim como analisado por Oliveira (1991) a redução dos custos de produção e a reprodução do capital se estenderam também as atividades da fábrica, expressa nos cortes que seriam destinados ao cunho social, expressado com o término do programa de construção de núcleos residenciais para os operários. Embora deixasse de investir os operários não ficavam totalmente sem assistência, eles receberam durante alguns anos material de construção mais barato para desenvolver suas moradias perdendo contigüidade e simetria das habitações existentes, ou seja, moradias diferentes da original.

A alienação patrimonial avançou nos anos 1950, aquele núcleo urbano fabril estava cada vez mais se dissolvendo, mas ainda existia a vila operária. A partir, transformações muito mais profundas veio a acontecer no bairro, inserindo assim novas características físicas e de geração capitalista.

A década de 1960 observa-se que o número de operários estava numa decrescente. Bangu essa época já possuía mais de 100. 000 habitantes. Aumentou a produtividade com a eficiência das máquinas e não com a contratação de funcionários, isso permitiu também levar o nome da fábrica ao exterior. Segundo Oliveira (1991, p.251) a nova realidade era “levar nossos artigos ao estrangeiro, realizamos com êxito exportação para Inglaterra, Holanda, Venezuela, Paraguai e África do Sul.”

Nessa década o processo de urbanização da metrópole do Rio de Janeiro, refletia cada vez mais na valorização das terras da companhia, passando assim, pelo processo mais intensificado de transformação espacial e das formas de geração econômica.

Na década de 1960 ainda existiam terras da CPIB que não foram loteadas, sendo vendidas para Companhia Estadual de Habitação do Rio de Janeiro - COHAB, que desenvolveu novas habitações no bairro, surgindo assim novos conjuntos habitacionais como Vila Aliança em 1962 e Vila Kennedy em 1964.

A alienação imobiliária acontecia em Bangu em meados de 1960, Oliveira (1991, p. 252) trata deste assunto dizendo que “em 1965, foram vendidas as primeiras casas da Vila Operária, evidenciando os primeiros sinais de desmantelamento do núcleo urbano fabril original.”

Outros motivos para a alienação imobiliária e das próprias atividades da fábrica foram a recessão econômica de 1964 que trouxe redução da produtividade e redução da força de compra da sociedade, e em 1972 a ocorrência da crise no setor têxtil nacional, passando a ocorrer mudanças administrativas e estratégicas da empresa.

O território fabril foi incorporado a novas dinâmicas das relações de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, as terras que passaram a ter novas características de relações comerciais e econômicas, transformaram a Companhia Progresso Industrial do Brasil em apenas mais uma fábrica na cidade, pois o bairro já não estava mais vivenciando uma realidade econômica voltada apenas para a fábrica.

Para isso, o espaço precisa ser transformado, remodelado, tomado de novas representações e características espaciais, desenvolvendo novas relações moldadas por novas idéias. Assim, em 1973 a descaracterização do bairro operário foi mais evidente, foi nesta data que foram vendidas quase a totalidade das casinhas originais da vila operária, que se localiza na Rua Estevão. No seu lugar surgiram outras construções que marcam agora uma fase comercial do bairro, como: mercados, bancos, lojas, enfim, comércio de um modo geral.

Com o passar das décadas Andrade (2008) observa que a atividade têxtil que possuía grande importância para a época e para o bairro foi decaindo, abrindo oportunidades de outros empreendimentos se instalarem na região, assim a influência e as atividades da fábrica foram diminuindo.

Para Oliveira (2005) o fechamento parcial da Companhia se deu em 1979 quando cerca de 95% da sua atividade foi encerrada e o fechamento total ocorreu em 2003. Durante esse

período a fábrica não mais possuía a hegemonia empregatícia de característica fabril. Ela desenvolveu, organizou e estruturou o bairro de Bangu, mas nessa fase empregou novas características capitalistas, com o comércio sendo o novo motivador para novas relações humanas empregatícias e para novas transformações espaciais urbanas.

Em 30 de outubro de 2007 foi inaugurado no mesmo local onde desenvolvia a atividade fabril o shopping do bairro, mantendo a mesma estrutura física da fábrica, já que é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, mas a parte interna foi totalmente transformada e refuncionalizada para receber uma nova característica que represente a forma capitalista da fase atual.

O impressionante é perceber como a memória é perdida a cada estruturação econômico-espacial. Assim, podemos observar claramente na passagem expressa por Chauí (1979, p.18), onde ela revela que “a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa.”

E complementa revelando o que acontece com a memória numa sociedade capitalista. Desta forma, a mesma autora Chauí (1979, p.19) segue com seu raciocínio:

Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros. A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como vizinhança (*versus* mobilidade), a família larga e extensa (*versus* ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (*versus* objeto de consumo).

Enfim, as mudanças ocorridas permeiam transformações em todo o espaço e em todos os elementos que podem servir como uma forma de preservação de uma identidade representativa de uma determinada fase histórica. Portanto, o que estão fazendo com a memória de um bairro?

CAPÍTULO 4 TRANSFORMAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS

4.1 A história e suas representações se tornaram mutáveis

Ao longo do processo histórico observou-se a desvalorização da identidade fabril de Bangu, não só do bairro, mas todos aqueles que também passaram por processo de crescimento econômico a partir das atividades fabris e que atualmente deu lugar a novas características econômicas. A CPIB perdeu uma parte de sua identidade em relação a sua estrutura já que foi tombada, mas a vila operária foi toda substituída por novos empreendimentos enquanto a representação das atividades ali existentes só ficou apenas na memória de muitos que trabalharam ou vivenciaram a fase do bairro fabril e alguns registros.

Complementando a passagem inicial de Chauí (1979, p.19) revela que “as lembranças pessoais e grupais são invadidas por outra “história”, por uma outra memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência e a verdade”. Com isso, ocorrem diferenças da forma de vida ao longo do processo histórico, novas características passam a ser inseridas como padrão de vida adequada e necessária para a época existente.

Seguindo nesse mesmo pensamento, (Carlos, 2007, p. 12) comenta que “novas atividades criam-se no seio de profundas transformações do processo produtivo, novos comportamentos se constroem sob novos valores a partir da constituição do cotidiano”.

Assim, estudar o conceito geográfico lugar se torna importante aliado na compreensão das transformações da cidade. Desta forma, (Carlos, 2007, p. 14) revela que:

O lugar permite pensar a articulação do local com o espaço urbano que se manifesta como horizonte. É a partir daí que se descerra a perspectiva da análise do lugar na medida em que o processo de produção do espaço é também um processo de reprodução da vida humana. O lugar permitiria entender a produção do espaço atual uma vez que aponta a perspectiva de se pensar seu processo de mundialização.

O lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento.

Será que o lugar perde sua característica diante a massacrante tendência ao homogêneo num mundo cada vez mais globalizado?

As transformações são inevitáveis, intensificados pela necessidade da geração capitalista atual, com isso os lugares perdem sua particularidade e sofrem alterações espaciais e do modo de produção. Isso ocorreu no bairro de Bangu, onde a Companhia Progresso Industrial do Brasil, berço do desenvolvimento do bairro, devido a novas tendências comerciais e econômicas transformou a característica da fábrica, tornando-se no Shopping Bangu, que na sua característica interna existe empreendimentos comerciais globalizados.

Neste sentido, tratando da transformação do espaço a dissertação de Santos (2009, p. 14) mostra que o tempo é um processo contínuo de transformações, mas que no espaço resistem traços históricos, conceituando da seguinte forma:

O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isso de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social.

Outra forma utilizada por Santos (2008, p. 103) para se manifestar a esse respeito, revela-se da seguinte forma: “[...] nenhum objeto é depósito do seu destino final e não há razão para um desespero definitivo. [...] As determinações mudam, mudando os objetos. As ações revivificam as coisas e as transformam.”

Oferecendo mais uma definição concreta e definitiva, Santos (2005, p.45) revela: “A cada momento a totalidade existe como uma realidade concreta e está ao mesmo tempo em processo de transformação. A evolução jamais termina. O fato acabado é pura ilusão.”

Assim, (Carlos, 2007, p. 17) também estabelece o seguinte posicionamento:

Acredito, no entanto, que podemos acrescentar o fato de que há também a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana (estabelecendo um vínculo entre o “de fora” e o “de dentro”), instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo ou melhor se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial.

O espaço é construído em função de um tempo e da lógica que irá impor certos comportamentos, modo de vida, modos de uso e a duração desse uso.

Desta forma, (Carlos, 2007, p. 20) conclui se expressando da seguinte forma:

A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. Deste modo a análise do lugar se revela — em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem.

Depois de todas essas passagens a memória passa a ser um grande resgatador das características que já existiram, que segundo (Bosi, 1979, p. 9)

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando-se com, as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Como se mantém viva uma memória, mesmo em meio a outras características identitárias? Como ainda manter viva a lembrança de um bairro fabril como Bangu? Freitas; Moreira (2005, p. 5), revelam que uma das formas é que apresentada abaixo:

A memória herdada e os lugares de memória e comemoração são elementos constitutivos da memória frequentes nas lembranças dos trabalhadores da Bangu, pois as pessoas sempre têm algum parente ou amigo que trabalhou na fábrica e contam histórias sobre a mesma.

Desta forma, nas pesquisas realizadas em Pollak (1992) a identidade se materializa como característica momentânea que pode ser ou não legada a posteridade, devido à memória herdada que significa contar a história como se ele próprio tivesse vivido aquela fase de vida, fazendo com que, mesmo não tendo vivido aquele momento tenha algo a falar sobre ele, mantendo assim o passado sempre vivo, passando de geração em geração.

O sentimento da topofilia parece que aconteceu com muito mais intensidade há décadas atrás, quando as relações culturais e espaciais não eram constantemente modificadas. Quando ocorreu a redução do afeto a uma determinada característica física, as transformações espaciais pareciam ter ritmos mais intensos para atender cada vez mais as necessidades de um mundo que necessita das suas transformações para se sustentar. Existia um carinho especial com o objeto representado ou com o ambiente, pois fazia parte da sua lembrança de vida e parece que ao longo dos anos esse afeto está perdendo representatividade. Portanto, segundo Tuan (1980, p. 5):

“Topofilia é o elo afetivo entre pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal.”

Assim, as características físico-espaciais estão se modificando nesse processo de necessidade pessoal e econômico e com isso, as atitudes e os valores se alteram, dando ênfase a algo, em detrimento de outro. Afeta fortemente a percepção do indivíduo em relação à cidade, a atitude sobre o espaço, e o valor que os membros da sociedade atribui ao meio onde vivem.

A Companhia Progresso Industrial do Brasil é um exemplo de transformação a partir das novas características espaciais, sociais e de interesse capitalista. Com isso, as relações sobre o espaço alteraram suas estruturas visíveis e as relações existentes no lugar, apesar da fábrica não ter passado por mudanças externas a sua atividade interna foi totalmente alterada para adotar o shopping do bairro com suas atividades e lojas comerciais atuais. Isto significa que a identidade se torna suscetível à transformação em meio a novos alicerces de relação cultural. Desta forma, um questionamento que pode ser levantado é: pode um indivíduo viver sem história? A resposta para esse questionamento é não, a memória se torna em estratégia para resgatar essa lembrança, das relações já viventes, com alguma ligação sentimental e de carinho, da época que já passou.

Assim, repensamos mais sobre o processo de constante transformação espacial, e sobre as representatividades do antigo, de uma fase histórica que já existiu, pois a riqueza de uma memória não se faz pela quantidade de elementos atuais existente nele e sim, devido à composição de elementos do ontem, do hoje e do amanhã, enriquecendo o processo de formação da história de uma cidade.

Para fortalecer a memória do bairro de Bangu, chamei Paulo Roberto Goulart de 53 anos e Maria de Lurdes Senna Sotte de 60 anos que foram os colaboradores desse trabalho para demonstrar um pouco da memória rica de Bangu na época que a fábrica era o principal meio empregatício da região. Começaremos com Paulo Goulart ainda morador de Bangu e que trabalhou na companhia no período de 1979 a 1984. Fala de suas principais recordações e lembranças e o orgulho de ser ex-funcionário da Companhia Progresso Industrial do Brasil, assim suas lembranças são expressadas da seguintes forma:

Todo dia quando eu ia e vinha do almoço, eu passava a mão na base da chaminé e falava para os colegas: “Isso aqui tem muita história para contar”. Os colegas riam e achavam bobeira, hoje eu vejo a importância da Fábrica Bangu num contexto não só histórico (pela formação do bairro), mas também na vida de cada um que teve a grata satisfação de ser um dia “Operário da Fábrica Bangu”.

Lembranças são muitas, principalmente das pessoas que conheci, convivi, amigos e recordações que compõe este quadro dessa fase da minha vida em que estive na fábrica.

Eu era assoprador, ou seja, trabalhava com a borracha de ar comprimido que tinha um bico especial na ponta. Com ela eu assoprava o tear, retirando o algodão que se formava por cima, com muito cuidado para não rebentar as linhas, o algodão era empurrado pela força do ar comprimido para o corredor e depois era varrido e recolhido pela varredeira. Eu tinha meia hora de almoço e era sempre na beira do açude que eu almoçava, não gostava de ficar no refeitório, quando não levava marmita e tinha que comer a comida do SESI (empresa que servia refeições em bandejas).

Enquanto Maria de Lurdes fala com gratidão da oportunidade de ser funcionária da fábrica, assim ela revela:

Eu trabalhei durante 11 anos na Companhia Progresso Industrial do Brasil, antes trabalhava numa padaria que fornecia pão para lanche dos funcionários. A empresa deu trabalho, sustento e moradia para inúmeras famílias, mesmo depois de extinta sua estrutura foi usada para um projeto ainda maior, que mesmo não sendo o mesmo calor humano que havia na fábrica, emprega muito mais pessoas. Melhor ainda, trouxe um enorme crescimento para Bangu sem tirar de nós suas características originais que nos trás tanta recordação.

A fábrica tinha três turnos de oito horas. Não tinha horário de almoço e nem de jantar, apenas um intervalo de 30 minutos. Batíamos cartão no início do expediente, na ida para o intervalo, na volta do intervalo e no final do expediente.

A fábrica vendia muitos tecidos para fora (exterior), daí os funcionários faziam muitas horas extras.

O tumulto dos funcionários na entrada do 1º turno e na trocas entre os turnos eram grandes, divertidas, encontrávamos sempre algum conhecido que passávamos rápidos um entre o outro, nem dava tempo para conversar um pouquinho. Lembro do apito da fábrica as 6 horas da manhã, que era tido até como despertador. Muita gente esperava a fábrica apitar para se levantar da cama. Lembro da união dos funcionários, da creche onde as mães deixavam seus filhos na fase de amamentação, lembro da cooperativa de alimentos que hoje é a Loja Magal, no início do mês Bangu ficava lotado de funcionários fazendo compras.

Assim, todos esses relatos representam a memória, ligações direta com a essência do bairro permitindo a história e a identidade ligada a Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB) está sempre viva, são personagens reais de uma realidade social e caso essa memória não seja registrada ou se todos os elementos físicos representativos forem substituídos por novas representações que atendam as necessidades atuais, o passado, o antigo, tudo que antecede as características urbanas, econômicas e culturais atuais serão perdidas e o novo não terá sentido, pois não existe registro do percurso que levou a chegar a esse processo atual de relação na cidade.

5 CONCLUSÃO

Ultimamente estamos vendo cada vez mais as estruturas físicas das cidades serem refuncionalizadas, transformadas e substituídas além da grave consequência de ter períodos da história sem registro, passando a substituir a característica original de uso, fruto de novas técnicas sobre o espaço, ou a substituição total de sua estrutura por outra renovada e consigo são apagadas a essência de um lugar. As tendências culturais, sociais, econômicas e políticas passam a serem moldadas por novas idealizações.

Fazer um trabalho sobre identidade representa logo que será tratado sobre a essência de uma característica social e a preocupação de não ter mais elementos que representam a essa determinada fase histórica, já que a característica social já estará modificada por novos elementos e por novas idealizações. Assim, a Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB) poderia ter sido um desses elementos que foram substituídos, mas a consequência não foi tão extrema assim, ela foi refuncionalizada adotando novas atividades que representam mais as características atuais adotando um shopping center. Mas, a modificação interna foi totalmente modificada da mesma forma que a identidade do bairro foi sendo esquecida ou não relacionada a um bairro fruto das atividades fabris.

Dáí vieram os questionamentos: Qual será o legado para novas gerações? Quais serão as referências que as próximas gerações terão já que muitos não sabem a essência do bairro e não existem elementos representativos do passado? A história mesmo com ausência de lacunas se torna representativa? O significado da palavra história condiz com as constantes mutações da sociedade atualmente?

Enfim, todos esses questionamentos são trazidos para atualidade como forma a preocupar com o passado, com um período que já aconteceu, assim como a CPIB que ao preservar a sua estrutura, tanto interna quanto externa para manutenção das características da Fábrica Bangu voltado para produção têxtil, as gerações seguintes poderiam entender, visualizar a principal atividade econômica atuante em mais de 100 anos de atividade, onde a população (ex-operários) tinha uma ligação e gratidão a ela. Pois se talvez não fosse a fábrica, de repente o bairro não teria sua existência registrada.

Desta forma, percebemos que o espaço é um processo, mutável, hoje na antiga Companhia Progresso Industrial do Brasil de fabricação de tecidos, onde Bangu passou a ser conhecido internacionalmente devido a sua produção, hoje adota em sua estrutura o Shopping Bangu impulsionada pela característica social, econômica atuante. Amanhã a sociedade pode vir a ter uma nova características, outras conjunturas políticas e econômicas que poderão influenciá-las na transformação, mais uma vez, das características internas da antiga fábrica e da reordenação do espaço.

Portanto, esse trabalho é uma contribuição para que outros possam ser desenvolvidos, pois as idealizações do homem alteram seu ambiente, que por sua vez, expressam isso no lugar onde vivem, modificando seu espaço. Com isso, serão necessários à elaboração de outros trabalhos que mostram a continuidade deste.

Hoje, este trabalho representa a fase que compreende da fábrica ao shopping, onde precisei entrevistar pessoas que vivenciaram e analisaram a transição de uma fase para outra, amanhã, talvez, poderei ser a entrevistada para contar a minha vivência numa fase que compreende o shopping para uma próxima e provável fase que não teve possibilidade de vivenciar, a fase onde o shopping adotou a estrutura da fábrica para desenvolver suas atividades.

Desta forma, no lugar ficam as marcas das particularidades das fases históricas, assim se essas representações deixarem de existir, as singularidades serão mais constantes, as particularidades serão cada vez mais reduzidas e a história ficará cada vez mais sem história, ou seja, de elementos que as representam e as caracterizam, com isso, as modificações espaciais serão cada vez mais constantes, sem ligação da representação do meio físico com sua identidade, essência. A história deixa de ser apenas uma coisa antiga e sim algo que nos leva a compreensão das transformações existentes do meio, e quanto mais elementos e detalhes, mais rico se torna uma história.

Essa é uma preocupação com os registros de uma história, das marcas de uma identidade, para ela não se perder assim como muitas já se perderam. É na formação e composição do processo histórico que se encontra a riqueza de uma representação identitária.

REFERÊNCIA

ANDRADE, Fernando Torres de. Práticas fotográficas e memória: a Fábrica Bangu. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUR-RIO, 13, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUR, 2011. 8 f.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Um lugar no / do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. 85 p.

COSTA, Edinilson Pereira. Avenida Brasil: importância da via para o deslocamento da população do Rio de Janeiro e região metropolitana. *Chão Urbano*, Rio de Janeiro, n. 76, p. 1- 18, 2010. Disponível em: <<http://chaourbano.com.br/adm/revistas/arquivosArtigos/artigo76.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: TAQ, 1979. 402 p.

FREITAS, Adriana Oliveira de; MOREIRA, Vânia Maria Losada. A imagem do espelho: memórias de operários. *Ágora*, Vitória, n. 1, p. 1-20, 2005.

GAMA, Sônia da; XAVIER; Thaís Ferreira; COSTA, Samir de Miranda. A visitação da APA e Parque na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro (RJ): conflitos e gestão da UC Gericinó-Mendanha. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, n° 3, p. 73-80, 2006. Disponível em:< <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115416211008>>. Acesso em: 26 nov 2013.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. **Bangu** – o singular e o plural na organização do espaço urbano. 1993. 225 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

OLIVEIRA, Marcio de. **Bangu**: de fábrica-fazenda e cidade-fábrica a mais uma fábrica da cidade. 1991. 312 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Instituto Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

OLIVEIRA, Marcio Piñon de. **Quando a fábrica cria o bairro**: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de Janeiro. **Revista eletrônica de geografia y ciências sociales**, Barcelona, n.10, p. 205-228, 2006. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-51.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

PECHIMAN, Robert Moses. Formação **histórica da estrutura fundiária na Barra da Tijuca e Zona Oeste no Rio de Janeiro**: produção imobiliária, uso do solo urbano e estudo das relações entre capital e propriedade. 1987. 210 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: < http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2013.

ROVERE, Renata Lebrè La et al. Desenvolvimento local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu entorno: diagnóstico sócio econômico do local. **FAPERJ**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 1-519, 2009. Disponível em: <http://www.querodiscutiromeuestado.rj.gov.br/CMS/uploads/publicacoes/09.06.30-13.33.33-pesquisa_desenvolvimento_zona_oeste_ufrj_completa.pdf>. Acesso em: 26 nov 2013.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**: São Paulo: Edusp, 2005. 170 p.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: São Paulo: Edusp, 2008. 176 p.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**: São Paulo: Edusp, 2009. 99 p.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes, e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980. 288 p.